

Para começar, Viagra

ELIO GASPARI

Depois de quatro anos de governo virtual, o ronco das ruas assustou o tucanato. Não podia ter acontecido coisa melhor. O Governo ia para um caminho de tamanha onipotência e insensibilidade que FFHH seria capaz de se fazer coroar imperador, buscando a fonte de seu poder na divina legitimidade do real.

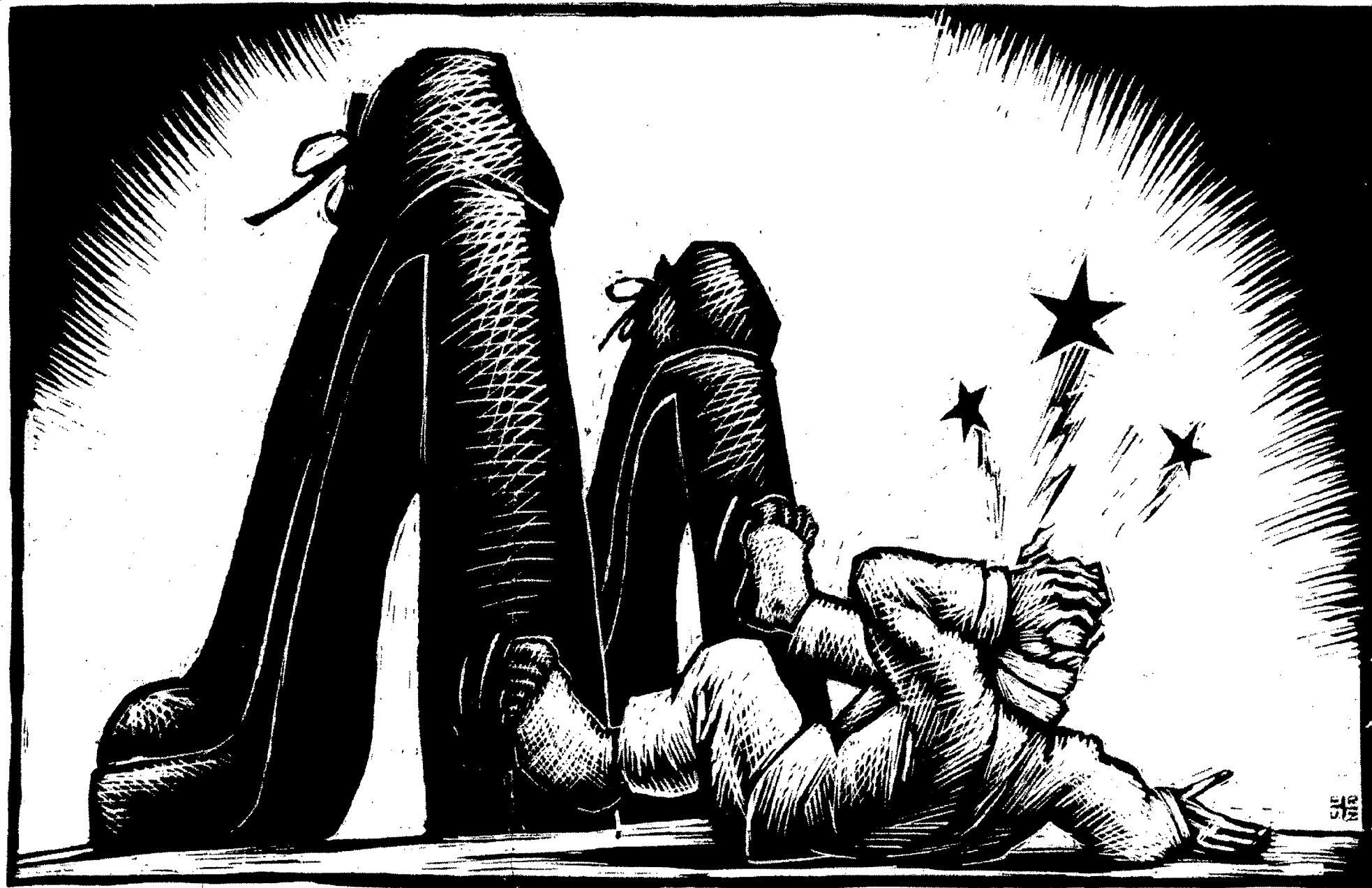
Estava feia a coisa. Havia incêndio em Roraima e o ministro do Meio Ambiente circulava nas praias de Fernando de Noronha. Havia 1,5 milhão de desempregados na Grande São Paulo e o novo ministro do Trabalho (que não tivera a honra de conhecer um só desocupado) dizia que não há crise de emprego, mas de empregabilidade. Havia uma epidemia de dengue e um sábio do Planalto sustentava que não se devia exagerar o problema, pois o mosquito hiberna no inverno. Havia uma seca no Nordeste mas até abril ninguém tratou a sério do assunto, noventa e nove fora outro sábio que revelou haver virtudes econômicas na estiagem.

As pesquisas que chegavam ao Palácio do Planalto indicavam sinais de mudança no comportamento do eleitorado, mas quem se declarava preocupado era excluído das reuniões da marquetagem em que se transformou a estratégia administrativa do Governo.

Caminhava-se para um cenário doente, no qual FFHH parecia poder se dar ao luxo de uma vitória fácil. Buscava uma reeleição *honoris causa*, sem dever contas a ninguém.

O ronco das ruas vai obrigá-lo a fazer campanha. Terá que pedir votos, na santa mendicância que a democracia impõe aos governantes. Em 1994, ele foi eleito em nome da estabilidade da moeda, enfeitada com cinco dedos de promessas. Agora terá dificuldade para justificar um projeto de equilíbrio da moeda baseado numa estagnação econômica de duração imprevisível. Se essa circunstância levar a eleição a um segundo turno, ganha todo mundo. No mínimo, sua campanha e seu ministério terão que engolir alguns tablets de Viagra.

Ao contrário do que pode parecer, se a queda de FFHH é produto de sua política, a ascensão de Lula nada tem a ver com suas virtudes. Por enquanto, ele preenche as condições da Lei do Poste, enunciada pelo deputado Delfim Netto. Ela reza que um poste pode derrotar FFHH, mas se o poste tiver nome, FFHH vence.



Por enquanto, Lula está atrás do poste. Não é justo acusá-lo de ser um candidato sem plano de governo. Isso porque se houvesse relação entre programa e Governo, FFHH deveria renunciar ao mandato.

Seus cinco anos de reinado nada têm a ver com as propostas de sua campanha. Fazendo-se de conta que não há desemprego (era um dos cinco dedos daquela mão que aparecia na TV), sumiram quase todos os investimentos, a saúde ficou sem dinheiro e a segurança piorou. Deus bem na educação, até a hora em que a onipotência da virtualidade levou o ministro Paulo Renato Souza a um curso de colisão com as universidades e com pro-

fessores que ganham salários pífios. Há municípios no sertão cearense oferecendo aos médicos salários próximos aos que as universidades federais pagam aos seus professores titulares.

O que Lula tem a oferecer, só a campanha dirá. A tradição ensina que quanto mais ele e o PT explicam o que querem, mais eleitores preferem votar em seu adversário. Desta vez o sapo barbudo carrega consigo um agravante. Tem como vice o ex-governador Leonel Brizola, aquele que é capaz de fazer coisas horríveis para chegar à Presidência. Um novo Governo de FFHH traz muitos riscos, mas todos somados são menores que a presença do engenheiro Brizola a um passo

da cadeira presidencial. Para quem gosta de estatísticas, nos últimos 38 anos elegeram-se nove presidentes. Em quatro casos, eles tiveram que ser substituídos. As chances de se votar em Lula e acabar sendo governado por Brizola são de 44%.

Se o presidente Clinton tomou posse dizendo que seu Governo teria a virtude do experimentalismo, Lula tem todo o direito de se apresentar aos eleitores com uma idéia genérica e os compromissos de sua biografia. Com Brizola na vice, não há experimentalismo. Há apenas a teimosia de um teatro velho. É uma pena que não se possa votar uma emenda constitucional dando ao vice-presidente

Marco Maciel o direito à vitaliciedade no cargo.

Por enquanto, o ronco das ruas terá a grande utilidade de impedir que o doutor Edward Amadeo fale em empregabilidade, que o doutor Gustavo Franco saia por Brasília carregando seu "saco de maldades" e que o ministro Pedro Malan defenda a compressão do salário-mínimo com o argumento de que o trabalhador brasileiro tem baixa produtividade. Talvez tenha uma utilidade adicional: a de obrigar FFHH a dizer, na campanha, qual é a extensão de seu compromisso com idéias desse tipo.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.